

## 06 - BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO RIO DE JANEIRO: UM RESGATE DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

SABRINA GUEDES DE OLIVEIRA, MA (Doutoranda em Educação UniLogos)

GABRIEL CÉSAR DIAS LOPES, Ed.D, Ph.D (UniLogos, EUA/ABEF BRASIL)

KEMAL YILDIRIM, Postdoc (UniLogos, Akamai University, EUA)

ESTÉLIO SILVA BARBOSA, Ed.D (UniLogos,EUA)

doi:10.16887/92.a2.06

### ABSTRACT

This article presents a brief description and discussion about the history of teacher training in Rio de Janeiro, presenting a rescue of professional identity. teacher training? In an attempt to bring answers to the problem, we outline the following objectives that are presented: To present a brief and objective analysis of the history of Brazilian education. To describe the characteristics and training of the teaching staff in the City of Rio de Janeiro. Discuss the teaching identity, and its constituent processes for teaching. Foster the education of the educator in the face of technologies. This research makes use of the bibliographic and documentary research method, by using information contained in documents that portray a history that the This work also made it possible to describe a little of the history of Brazilian Education and the state of Rio de Janeiro, making a chronology from the beginnings of our country to the present day. A history that intersects elements of the constitution of the Brazilian people, as well as the characteristics and formation of the teaching staff of the City of Rio de Janeiro.

**Keywords:** Teacher Training; History of Brazilian Education; Professional Identity.

### RESUMEN

Este artículo presenta una breve descripción y discusión sobre la historia de la formación docente en Río de Janeiro, presentando un rescate de la identidad profesional. En un intento de traer respuestas al problema, esbozamos los siguientes objetivos que se presentan: Presentar un análisis breve y objetivo de la historia de la educación brasileña. Describir las características y formación del cuerpo docente de la Ciudad de Río de Janeiro. Discutir la identidad docente, y sus procesos constitutivos para la enseñanza Fomentar la formación del educador frente a las tecnologías Esta investigación hace uso del método de investigación bibliográfico y documental, utilizando informaciones contenidas en documentos que retratan una historia que el Este trabajo también permitió describir un poco de la historia de la Educación brasileña y del estado de Río de Janeiro, haciendo una cronología desde los inicios de nuestro país hasta nuestros días, una historia que cruza elementos de la constitución del pueblo brasileño, como así como las características y formación del cuerpo docente de la Ciudad de Río de Janeiro.

**Palabras-clave** Formación de Profesores; Historia de la Educación Brasileña; Identidad Profesional.

### RÉSUMÉ

Cet article présente une brève description et une discussion sur l'histoire de la formation des enseignants à Rio de Janeiro, présentant un sauvetage de l'identité professionnelle. Dans une tentative d'apporter des réponses au problème, nous décrivons les objectifs suivants qui sont présentés: Présenter une analyse brève et objective de l'histoire de l'éducation brésilienne. Décrire les caractéristiques et la formation du personnel enseignant de la ville de Rio de

Janeiro. Discuter de l'identité enseignante et de ses processus constitutifs d'enseignement Favoriser la formation de l'éducateur face aux technologies Cette recherche s'appuie sur la méthode de la recherche bibliographique et documentaire, en utilisant des informations contenues dans des documents qui dépeignent une histoire que le Ce travail a également permis de décrire un peu l'histoire de l'éducation brésilienne et de l'état de Rio de Janeiro, en faisant une chronologie depuis les débuts de notre pays jusqu'à nos jours. Une histoire qui croise des éléments de la constitution du peuple brésilien, comme ainsi que les caractéristiques et la formation du personnel enseignant de la ville de Rio de Janeiro.

**Mots-clés :** Formation des Enseignants, Histoire de l'éducation brésilienne; Identité Professionnelle.

## RESUMO

Este artigo apresenta uma breve descrição e discursão sobre a história da formação de professores no Rio de Janeiro, apresentando um resgate da identidade profissional. A problemática da pesquisa consiste em saber quais os primeiros marcos históricos na educação no Brasil e no Rio de Janeiro que caracterizam a formação docente? Na tentativa de trazer respostas para a problemática traçamos os seguintes objetivos que assim se apresentam: Apresentar uma análise de forma breve e objetiva da história da educação Brasileira. Descrever as características e formação do corpo docente da Cidade do Rio de Janeiro. Discorrer a identidade docente, e seus processos constituintes para o ensino. Fomentar a formação do educador frente às tecnologias. A referida pesquisa lança mão do método de pesquisa bibliográfica e documental, por utilizar-se de informações contidas em documentos que retratam uma história que a bibliográfica também fundamenta. Esse trabalho possibilitou descrever um pouco da história da Educação Brasileira e do estado do Rio de Janeiro, fazendo uma cronologia desde os primórdios do nosso país, aos dias atuais. Uma história que intersecciona elementos da constituição do povo brasileiro, bem como as características e formação do corpo docente da Cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras-chaves:** Formação de Professores; História da Educação Brasileira; Identidade Profissional.

## 1 INTRODUÇÃO

A história da formação do professorado carioca se confunde bastante com a contextualização histórica da formação e construção da identidade do corpo docente brasileiro. “A profissão docente é uma profissão em construção” (Freitas, 2005, p.56). As marcas dessa construção trazem o perfil do profissional da atualidade e as perspectivas para sua atuação nos dias atuais.

O século XIX marca o início de uma escolarização, uma forma sistemática de formação de professores voltada para um clã burguês, onde o magistério se confundia bastante com a burguesia e era visto na maioria das vezes como uma concessão à atuação feminina fora da casa, portanto, uma extensão do lar. Não havia uma distinção clara onde começava e terminava a atuação profissional e o ser dona de casa.

O Brasil tem uma marca forte ligada ao analfabetismo e durante a primeira metade do século XX o problema ainda é muito acentuado “perpetuando” uma dificuldade para a entrada

definitiva na era da industrialização. Eram poucos que tinham acesso à educação, o que se via acontecer mesmo, somente com as famílias abastadas.

No decorrer dos anos, a desqualificação profissional veio junto com a entrada de um contingente de alunos oriundos das classes menos favorecidas, trazendo uma inadaptação tanto do corpo docente, quanto do discente. Não conseguiam se reconhecer como parceiros no processo de ensino-aprendizagem. O tensionamento entre professores e alunos é um fator preponderante desta relação agora estabelecida entre as classes distintas. Melo contribui afirmando sobre essa desqualificação ao firmar que :

Podemos associar a gênese do processo de desqualificação do trabalhador da educação à passagem da chamada escola tradicional para a escola capitalista. Tal movimento deflagrou-se não apenas devido à divisão do trabalho e à incorporação de tecnologia, mas também porque estava atrelado ao impulso do capital em valorizar-se em áreas ditas não-produtivas. Na concepção pedagógica de tipo tradicional podemos destacar a inexistência de divisão do trabalho; o professor-artesão é o responsável pela concepção e execução de seu produto (aula) e detém pleno controle desse saber (Mello, 2006,p.45).

Ainda abordando a questão da desqualificação Sá colabora com Mello :

O resultado do desenvolvimento da divisão do trabalho educacional é a parcelarização do trabalho pedagógico ou desagregação da autoridade pedagógica do professor artesão. Tal desagregação significa, ao mesmo tempo, a exploração do saber concentrado no professor e sua localização no capital ou nas empresas estatais. É dessa característica que resulta a constatação empírica da "desqualificação" ou "incompetência" do professor (Sá, 1986, p. 24).

Na fala dos teóricos acima é possível afirmar que os mesmos apresentam uma crítica à educação que estava sendo desenvolvida e se estendeu pelos anos subsequentes, especialmente com relação à profissionalização docente. Esses apontamentos nos trazem e fazem refletir a identidade do corpo docente carioca/brasileiro e suas implicações na sua própria formação e conseqüentemente no trabalho pedagógico.

A década de 70 se configura com a exposição e a explanação dos direitos femininos e de um repensar a sociedade brasileira da época, marcada pelo cerceamento de seus direitos. O empoderamento e o destaque feminino foram importantes enquanto marcos decisivos para uma nova postura e papel a ser realizado neste novo contexto histórico não somente na educação do Estado do Rio de Janeiro mas do Brasil em si, e por eu não afirmar do mundo, pois somos sabedores que a mulher sempre foi vista de uma forma "inferior ao homem" (grifo nosso).

A temática desse artigo envolve a história da formação de professores no Rio de Janeiro, apresentando um resgate da identidade profissional, que como questão norteadora busca saber sobre os primeiros marcos históricos na educação no Brasil e no Rio de Janeiro que caracterizam a formação docente. Na tentativa de trazer respostas para a problemática traçamos os seguintes objetivos que assim se apresentam: Apresentar uma análise de forma breve e objetiva da História da educação Brasileira e do Rio de Janeiro. Descrever as características e formação do corpo docente da Cidade do Rio de Janeiro. Discorrer a identidade docente, e seus processos constituintes para o ensino. Fomentar a formação do educador frente às tecnologias. A referida pesquisa lança mão do método de pesquisa bibliográfica e documental.

Trazer este debate para os dias atuais se mostra necessário e importante, haja vista que a formação do profissional da educação esteve atrelada também a movimentos que ultrapassaram os espaços escolares.

## 2 METODOLOGIA

Quanto aos objetivos este artigo constitui uma pesquisa exploratória pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema, a fim de torná-lo mais explícito. Trata-se também de uma pesquisa explicativa sendo que esta busca identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência do fenômeno. Procura aprofundar o conhecimento da realidade, porque aplica a razão, o porquê das coisas. Quanto aos procedimentos técnicos essa pesquisa assume um caráter bibliográfico e documental. Bibliográfico por ser desenvolvida com base em documentos já elaborados, periódicos, livros e artigos científicos. Documental que é muito parecida com a bibliográfica. Difere apenas no tipo de utilização das fontes de pesquisa, isto é, materiais que não receberam um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. São, portanto, documentos de primeira mão, tais como documentos de arquivos, relatórios de empresas e outros. Sobre a pesquisa bibliográfica Severino 2017, p. 90 afirma:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Nessa mesma página o autor ainda define a pesquisa documental:

No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise (Severino 2017, p. 90)

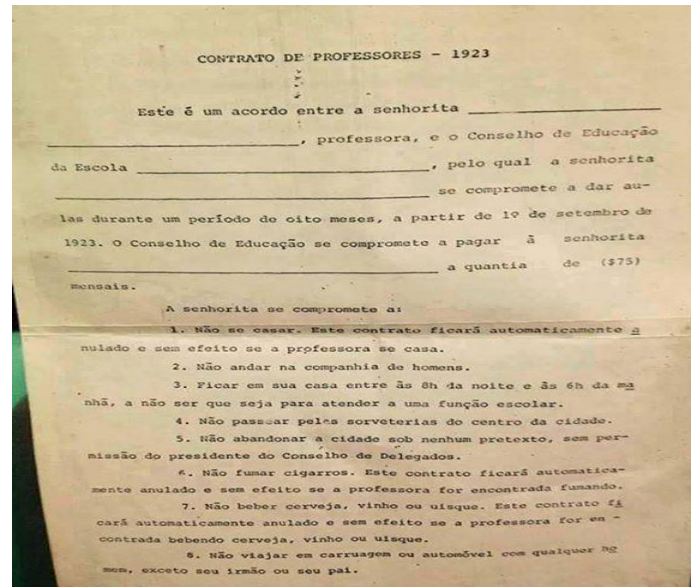
Acredita-se que tais métodos, são necessários, suficientes e úteis para trazer respostas para a problemática e alusivas as respostas dos objetivos.

## 3 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E O SEU CONTEXTO NO RIO DE JANEIRO

A temática aqui apresentada nos permite dimensionar a questão da identidade docente a partir de um recorte no tempo histórico a partir de fins do século XIX, precisamente a partir de 1880, marco da primeira escola no Rio de Janeiro, ISERJ (Instituto de Educação do Rio de Janeiro), voltada para a Formação de Professores e que nos traz elementos de estudo muito frutíferos para traçarmos um paralelo para o professorado da atualidade.

Até meados do século XX, as futuras professoras que ingressavam no ISERJ, eram filhas da classe média alta, da burguesia e sua formação era voltada para uma didática focada em como ensinar ao aluno as primeiras letras e alguns conceitos da matemática, além de disciplinas voltadas para o lar, como por exemplo, Boas Maneiras, Tapeçaria, entre outros. Dentro dessa lógica, o perfil era o de garantir uma formação inicial profissional com um forte

apelo ao controle do comportamento feminino à época, como fica evidente nessa carta de contrato de professora de 1923:



Fonte: <https://tokdehistoria.com.br/2015/06/09/contrato-de-professora-em-1923-proibia-de-casar-frequentar-sorveterias-e-andar-com-homens/>

Na Primeira Guerra Mundial do século XX, o Brasil contava ainda com uma grande massa de trabalhadores sem a instrução das primeiras letras e ainda um sistema educacional distante da configuração que conhecemos. Temos indícios nesses idos da introdução da cartilha como um elemento tradicional no trabalho da professora. A cartilha atravessará praticamente todo esse século, se tornando uma fiel escudeira da metodologia docente.

A cartilha era vista como o fundamento teórico e pedagógico do trabalho docente. Um manual de instrução que trazia o conteúdo, o que e como fazer para que a aprendizagem realmente acontecesse. Uma receita prescrita que deveria ser cumprida à risca, sem ser desviada do seu fim último que era levar o conteúdo da maneira como se apresentava e era próprio da época, sobre a a Cartilha collares contribui:

Não podemos esquecer que as cartilhas utilizadas, nas escolas primárias, traziam uma concepção ideológica da época, pela expressão de ideias e poder. Dentro da ideologia na qual nos inserimos, a estrutura educacional deveria estar a serviço dos homens como seu objeto central, para ajudá-lo a identificar as contradições socioeconômicas da formação social e superar essas mesmas contradições (Collares, 2015,p.32).

Mais uma vez, percebemos a cartilha à frente do trabalho pedagógico, sendo a menina dos olhos da educação e a salvadora da população e das necessidades do povo brasileiro.

Até os anos 60 do século XX, a professora primária, categorização à época, tem um status glamoroso perante à sociedade carioca. Apesar de ainda atrelar seu fazer à ideia de doação, sacerdócio (fato de que vinte anos depois irá tomar consciência disso), consegue o sucesso reconhecido socialmente, pois quem está na escola é a classe média, a qual apresenta total congruência de visão de mundo e valores com a professora e que também apresenta a mesma origem social. Vemos aí um ponto bastante interessante: o reflexo do comportamento docente tanto na escola quanto na sociedade encontra eco e reflexo nos paradigmas dessa mesma professora. A realidade ainda está encoberta aos seus olhos e seu papel técnico e político ainda se encontra atrelado e submetido aos mandos da figura masculina. Casar com um militar era o sonho de boa parte das professoras e seu salário não garantia o sustento da família, necessitando da ajuda do marido. Uma sociedade muito conservadora em que a professora

ainda não se via como uma profissional do seu fazer. Um exemplo desse comportamento se reflete na legislação da época: Lei nº 4.121, de 27 de agosto de 1962:

Art. 240. A mulher assume, com o casamento, os apelidos do marido e a condição de sua companheira, consorte e colaboradora dos encargos da família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta. Art. 242.

A mulher não pode, sem autorização do marido (art. 251):

I - praticar os atos que este não poderia sem consentimento da mulher (art. 235); II - Alienar ou gravar de ônus real, os imóveis de seu domínio particular, qualquer que seja o regime dos bens. Arts. 263, ns. II, III e VIII, 269, 275 e 310); III - Alienar os seus direitos reais sobre imóveis de outrem;

IV - Contrair obrigações que possam importar em alheação de bens do casal.

Pode se observar acima o quanto a mulher de fato recebia um “valor” bem inferior ao homem em todos os aspectos sociais, inclusive no cenário educacional.

Em fins dos anos 60 do século XX, a efervescência mundial estremecia os valores da burguesia em todo o canto do planeta. Espaços geográficos até então colonizados gritavam por independência, surgia uma revolução nos costumes, discussões sobre igualdade e justiça social, denúncias das ditaduras na América Latina, reflexões sobre o trabalho proletário e explorado, ida do homem à lua e o feminismo. Todo esse clima faz com que a professora começasse a repensar seu fazer e seu papel profissional, pleiteando o seu lugar social. Uma nova concepção de profissional passa a tomar conta do ideário de quem estava à frente da educação.

“A América Latina, desgarrada por suas novas fronteiras, continuou condenada à monocultura e à dependência” (Galeano, 1978 P. 82).

O Brasil e boa parte dos países da América Latina passaram por um Regime Ditatorial onde o cerceamento dos direitos foi uma tônica muito severa no cotidiano das sociedades que tiveram suas vidas submetidas a esse regime de governo.

Em termos de educação brasileira, surge nesse contexto no início de 1970 a LDB 5692/1971. Foi uma lei que tentou dentro do período da Ditadura dar uma entonação para a formação educacional, voltando-se para a profissionalização a fim de atender a demanda social, especialmente das indústrias. Nesse sentido, a preocupação com a técnica era o objetivo, e, assim, essa característica também atravessa a formação docente. “Pretendia-se garantir que a escola fosse uma difusora privilegiada dos valores conservadores do regime, desde o início da escolarização”. (<http://memoriasdaditadura.org.br/educacao-basica/index.html>)

Além de trazer a ideologia política da época, a LDB 5692/1971 trouxe uma perspectiva de formação para o futuro onde o ensino técnico profissionalizante seria o desencadeador do progresso da nação e a entrada definitiva do país no tão sonhado, almejado desenvolvimento.

As Escolas Normais que formavam professores por excelência tiveram seu viés modificado, carregando o currículo numa didática técnica e precisa. Dentro deste contexto tendo seu curso voltado com a seguinte nomenclatura: Curso de Formação de Professores.

As universidades viraram espaços de discussões, debates e questionamentos sobre as mudanças político-sociais deste período que durou em terras brasileiras, 21 (vinte e um) anos. A presença feminina nesses espaços começava a ser desenhada com um tom mais forte. A mulher passou a ocupar o espaço acadêmico com mais propriedade, discutindo e se colocando como protagonista desse novo contexto nacional onde gêneros deveriam se igualar e não mais submetidos à força de uma sociedade com tons patriarcais.

Na educação fundamental, a “seleção” de alunos que havia até aquele momento não conseguiu se segurar por muitos mais anos após a segunda metade do século XX. A população aumentava, necessitava da escola e esse acesso das massas foi crescente, formando um grande contingente das classes populares.

As camadas mais desprovidas de recursos e assistência passaram também a ocupar com uma amplitude maior os bancos escolares e a educação mais uma vez trava um embate com o desconhecido que até então ainda não tinha se mostrado: o povo na escola. E a escola não estava preparada para este novo desafio, desafio esse que colocava os docentes diante da necessidade de um processo de formação, Ribeiro afirma:

O processo de formação do povo brasileiro, que se fez pelo entrechoque [...], foi, por conseguinte, altamente conflitivo. Pode-se afirmar, mesmo, que vivemos praticamente em estado de guerra latente, que, por vezes, e com frequência, se torna cruento, sangrento. (Ribeiro, 1995, p. 168)

As professoras não estavam preparadas para atender esta parcela da população. A educação era elitizada e o despreparo para trabalhar com esse perfil de alunado que se apresentava era nítido para a escola. É nesse período, que dentre vários outros motivos, há um aumento da reprovação e da exclusão na escola.

É como se a escola dissesse para esse grupo que adentrava o espaço escolar que aquilo não era de pertencimento deles, forçando-os a saírem por não se verem representados, isso foi negativo para a educação, Apple descrever um comportamento existente nesse tempo, o mesmo afirma:

A intensificação leva as pessoas a "tomar atalhos" de modo que apenas é feito o que é "essencial" em relação à tarefa a ser imediatamente executada. Isso força as pessoas a confiarem de forma crescente em "especialistas" para dizer-lhes o que fazer e elas começam a perder a confiança nas próprias habilidades que desenvolveram ao longo dos anos. No processo, a qualidade é sacrificada pela quantidade. O trabalho bem feito acaba sendo substituído por trabalho que simplesmente se cumpre (Apple, 1997, p. 184).

Conforme o autor acima supracitado afirma; “ a qualidade é sacrificada” muitos docentes tomam largada em uma corrida para se ter um documento que comprovasse a escolaridade deu o tom do esfacelamento que a política da década de 70 do século XX trouxe. Abrimos as portas em prol do progresso, da industrialização, mas não alcançamos os desdobramentos que poderiam e deveriam se suceder em termos de qualidade.

As metodologias voltadas para o ensino técnico pouco contribuíram para uma formação humana que enxergasse de fato esse indivíduo como elemento e parte atuante dessa sociedade que estamos agora vivendo.

A abertura da escola não trouxe os contributos esperados para a população, já que o ensino técnico pelo ensino técnico pouco contribuiu para o melhoramento de uma educação humanística, ao contrário, confirmou as desigualdades que o país enfrentava.

A década de 80 do século XX entra com a anistia aos presos políticos e a redemocratização exigindo a liberdade e igualdade de direitos. Percebemos neste período, um campo educacional querendo lutar e brigar pelo espaço esquecido e o desmantelamento que dividiu o corpo docente. A questão agora era a conscientização do papel profissional com vistas a uma prática cidadã, emancipatória, em contraposição a um ensino bancário. “Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (Freire, 1987, p.33), caracterizando um paradigma educacional tradicional, Carvalho enriquece afirmando:

O paradigma educacional utilizado até recentemente visava à formação de recursos humanos que, como característica essencial, compõem uma força de trabalho bem treinada e disciplinada. Em outras palavras,



objetiva-se formar indivíduos com conhecimento geral e disciplina para seguir protocolos preestabelecidos. Isso era essencialmente necessário ao modelo global de economia industrial necessitava. (Carvalho; Boas, 2018.p.42)

Diante do paradigma apresentado por Carvalho a escola se viu no papel de detentora do conhecimento e com o claro objetivo de transmitir o saber. Depositar o que julgava sendo importante, sem considerar a história, o que cada aluno, família e gostaria de ter como aporte teórico.

O Curso de Pedagogia começa a se repensar em termos de uma formação para as questões voltada para as classes populares, começando a se repensar nesse sentido para além das suas especializações (Administração, Supervisão, Orientação Educacional e Magistério do 2º grau). Estas já não davam conta da demanda apresentada e era importante e necessário uma formação universitária docente que se voltasse para a docência, para a construção do saber em sala de aula.

#### 4 CARACTERÍSTICAS E FORMAÇÃO DO PROFESSOR

“Ao longo das últimas décadas, o professorado brasileiro, ou melhor, a formação profissional docente, vem passando por mudanças significativas, especialmente quando tratamos de qualificação e políticas públicas”. (Macedo; Oliveira, 2017, p.32)

É o momento das mobilizações sindicais da categoria que vão estimulando um contorno profissional voltado à profissionalização e a luta pelas garantias da categoria. É necessário se discutir o papel do professor e o que de fato assegura a profissionalização.

O trabalho com a cartilha passa a ser questionado em prol de uma libertação para o avanço de uma autonomia pedagógica que faça sentido para a professora e para os alunos e alunas. Nesse sentido, o trabalho de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky contribuem para essa autonomia, pois o professor precisou rever seus conceitos, a autora afirma:

[...] Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...] (Ferreiro; Teberosky, 1986, p. 11).

É de grande singularidade a contribuição das autoras ao afirmar que os métodos e manuais e os recursos didáticos são eficaz na autonomia do ensinar e também o aprender, envolvendo alunos, professores e toda a comunidade educacional afim do alcance dos seus objetivos básico; ensino e aprendizagem.

A partir dos anos 90 do século XX, com a entrada da Tecnologia e o fortalecimento das regras do mercado, a profissionalização docente vai requerer outros contornos em seu fazer. É característica desse momento a ideia de qualidade total e de professor nota 10. Essas concepções estão baseadas em competências e habilidades que o professor precisa ter para alcançar bons resultados em sua prática. Ao mesmo tempo, inicia-se um processo de afastamento das questões estruturais da desigualdade para focar nesse “bom desempenho” docente.



As habilidades e competências da atualidade são distintas de outrora e trazem para uma reflexão, uma discussão, o olhar de quem precisa ultrapassar o espaço escolar da sala de aula e caminhar para além da aparente realidade, nesse aspecto o espaço escolar não pode se furtar da qualidade, observemos:

A qualidade na educação que vem sendo difundida pelo Estado, por representantes empresariais, por educadores e por representantes das universidades brasileiras, aproxima-se desta orientação liberal, que procura condicionar a educação ao sistema produtivo e, portanto, através da mesma orientação teórica que sustenta a racionalidade do processo de produção referido anteriormente. Sendo ideologicamente a-histórica e com pretensões de universalidade, esta abordagem do conceito de qualidade tende a conservar a ordem social vigente - excludente e elitista -, contradizendo o lugar da educação na própria ideologia liberal e contrapondo-se - como veremos mais adiante - à natureza do fenômeno educativo (JR, 1995, p. 214).

Para que a qualidade na educação venha de fato se efetivar é necessário que o espaço da escola se torne valioso para essa formação, é necessário que o próprio professor veja na escola esse espaço de formação e valorize. Alarcão (2002, p.45 – 46) nos diz que:

A valorização da escola e de seus profissionais nos processos de democratização da sociedade brasileira; a contribuição do saber escolar na formação da cidadania; sua apropriação como processo de maior igualdade social e inserção crítica no mundo (e daí, que saberes? Que escola?); a organização da escola, os currículos, os espaços e os tempos de ensinar e aprender; o projeto político e pedagógico; a democratização interna da escola; o trabalho coletivo; as condições de trabalho e de estudo (de reflexão, de planejamento; a jornada remunerada, os salários, a importância dos professores nesse processo, as responsabilidades da universidade, dos sindicatos, dos governos neste processo; a escola como espaço de formação contínua; os alunos, quem são? De onde vêm? O que querem da escola? (de suas representações); dos professores: quem são? Como se vêem na profissão? Da profissão: profissão? E as transformações sociais, políticas e econômicas, do mundo do trabalho e da sociedade da informação: como ficam a escola e os professores?

Tais questionamentos se apresentam de forma constante na vida do professor, e dos gestores educacionais. Isso nos coloca diante de muitos desafios que vão requerer das professoras e professores um repensar diante das demandas para as quais o século XXI aponta e os séculos vindouros. E nesse redirecionamento, a questão da identidade docente é de alta relevância para sua permanência, empoderamento e avanço, rediscutindo outras perspectivas e transformações tendo a escola como parceira desse processo identitário.

## 5 IDENTIDADE DOCENTE, E SEUS PROCESSOS CONSTITUINTES PARA O ENSINO.

Nesse rápido panorama, percebemos uma metamorfose da identidade docente atravessada pelos processos de modelos socioculturais e políticos. Tais modelos e tensões vão produzindo marcas históricas desse fazer e, conseqüentemente, marcas e contornos na identidade profissional e no éthos docente feminino.

A partir dessa breve exposição com a pretensão de descrever um período histórico trazemos à reflexão a identidade docente frente a isso. Sem esquecer que espaço e tempo históricos dialeticamente construídos apontam para particularidades, características e “modus

operandi” diferenciados, a questão dessa identidade profissional é um grande desafio para ser repensada numa sociedade da informação. Junto disso, o papel da escola pública nesse diálogo com as gerações vindouras.

A sociedade da informação anuncia um cabedal de competências e habilidades que serão necessárias aos processos de constituição de conhecimento e de ações para os atores da escola. Esse fluxo de características das atuais gerações exigirão tanto de alunos e alunas quanto de professores e professoras uma outra postura para o enfrentamento das desigualdades e da luta pela justiça social. Para isso, a reflexão se torna uma das condições de sobrevivência para mais do que meramente se contrapor ao novo, compreender, utilizar e avançar em seus posicionamentos.

## 6 FORMAÇÃO DO EDUCADOR FRENTE ÀS TECNOLOGIAS

A educação sempre foi cobrada pela inserção das tecnologias em seu meio, essa cobrança se intensificou muito no ano de 2000, por conta de passos gigantesco no cenário sócio-global, onde a globalização se intensifica trazendo uma onda de tecnologias no mundo de um modo geral, a internet torna-se mais presente no mundo e na vida da escola, isso favorece mudanças significativas no olhar e na formação do educador frente às tecnologias, fortalecendo mais ainda esses aportes teóricos do mercado. Os avanços significativos impelem à formação cada vez mais voltada ao tratamento do educando como sujeito imerso neste universo tecnológico, muitos deles, nativos nesta realidade, nessa geração. Tudo isso conduz a reflexões na aprendizagem docente frente a técnicas e tecnologia, Mello assim esclarece:

Convém aqui uma reflexão acerca das possibilidades de facilitação do processo cognitivo através da utilização de tecnologias bem como do balizamento de tais técnicas no que tange a um "assalto final" da educação. Afirmar simplesmente que a Internet e a utilização dos microcomputadores no trabalho escolar significa um avanço em termos de técnicas pedagógicas parece ser um discurso ideológico. Não pretendemos negar a contribuição em termos de informação e agilidade operacional que esses recursos proporcionam, todavia a idéia de um alto grau de desenvolvimento tecnológico na educação não pode ser analisada de forma unilateral. A começar pela distinção entre informação e conhecimento: a própria rede internacional de computadores não é uma fonte totalmente segura em termos de confiabilidade do seu conteúdo. (Mello, 2006, p. 207-208)

Não temos como negar a necessidade cada dia do uso intenso da tecnologia no cenário educacional, principalmente uma tecnologia que contribui para a qualificação dos professores.

A educação ao longo da vida será o único meio de evitar a desqualificação profissional e de atender às exigências do mercado profissional pleno e capaz de se ajustar aos avanços tecnológicos para sobreviver na realidade que a cada dia interfere na nossa realidade. É importante que o professor se veja como pioneiro e empreendedor nesta tarefa, estando cada dia mais à frente da construção do seu saber profissional.

Com o advento do final do século XX e início do século XXI, a tecnologia e seus caracteres trazem a afirmação de uma sociedade ligada pela automação e um pensamento crítico com a relação aos instrumentos que apartam as classes desfavorecidas. Um período de questionamento e repensar as novas formas de se adequar à sociedade que está sendo apresentada para os próximos anos. Enguita afirma:

o nível tecnológico alcançado na atualidade já permite dar o salto para a satisfação total ou quase totalmente individualizada da necessidade de

ensino. Basta pensar nas possibilidades, para além dos tradicionais livros, que oferecem as fitas cassetes, os vídeos-cassetes, as fotocopiadoras, os vídeo-discos, a televisão por cabo, os microcomputadores ou os terminais conectados a um computador central ou a uma rede. Quando a tecnologia permitir não apenas produzir essas coisas, mas produzi-las a preços que permitam sua venda massiva, estarão lançada as condições para o assalto final do setor de ensino (Enguita, 1993, p. 284).

É possível entender com base na citação acima que a tecnologia é uma competência/habilidade que deverá ser assumida pelo professor da educação. É praticamente uma condição de trabalho para este século e séculos vindouros. É necessário acompanhar as mudanças tecnológicas, sobre esse aspecto é possível afirmar:

O reconhecimento de uma sociedade cada vez mais tecnológica deve ser acompanhado da conscientização da necessidade de incluir nos currículos escolares as habilidades e competências para lidar com as novas tecnologias. No contexto de uma sociedade do conhecimento, a educação exige uma abordagem diferente em que o componente tecnológico não pode ser ignorado. As novas tecnologias e o aumento exponencial da informação levam a uma nova organização de trabalho, em que se faz necessário: a imprescindível especialização dos saberes; a colaboração transdisciplinar e interdisciplinar; o fácil acesso à informação e a consideração do conhecimento como um valor precioso, de utilidade na vida econômica. Diante disso, um novo paradigma está surgindo na educação e o papel do professor, frente às novas tecnologias, será diferente. (Disponível em <<http://www.c5.cl/ieinvestiga/actas/ribie98/210M.html>>. Acesso em 05 ago 2018).

Nesse cenário, ganha destaque o papel da Neurociência. Saber como o cérebro se comporta, as estratégias previsíveis para cada ação e para a construção do conhecimento são um dos aspectos trazidos ao novo século, necessitando de formação continuada e debate sobre a prática, observemos:

Novamente, se a educação for entendida como uma ciência cognitiva, faz sentido que, durante o processo de formação dos professores, bases biológicas do aprendizado sejam debatidas. Portanto, a inclusão de estudos interdisciplinares seria promissora tanto para a formação de professores quanto para a pesquisa em neurociências e educação, o que já vem sendo proposto desde o fim da década de 1990 (Byrnes; Fox, 1998, p. 28).

A formação de professores requer o desenvolver de habilidades e competências que passa a ser enfatizado na prática docente.

Fala-se em educação 4.0, em trabalho colaborativo, em professores mediadores do conhecimento e alunos protagonistas de seu próprio saber, sobre essa educação 4.0 Almeida diz:

A educação 4.0 é consequência da Quarta Revolução Industrial. É preciso, desde já, que educadores, gestores e empreendedores, se engajem na pesquisa e desenvolvimento de soluções que incorporem estas novas tecnologias, de modo a materializar este futuro, aparentemente utópico, em nossa mais pura e cristalina realidade (Almeida, 2018, p. 65).

O tempo urge, é necessário estudos, aprofundamentos constantes, pesquisas contínuas para que cada vez mais se materialize uma educação de qualidade, uma educação em que o professor sinta o prazer em dar continuidade a sua formação e contribuir de forma significativa na vida dos seus alunos.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Procuramos ao longo desta comunicação analisar e refletir a trajetória do corpo docente carioca, segmento este, marco representante da profissão no Brasil.

Trouxemos um referencial importante que foi a presença feminina no magistério profissional dando um contorno importante para o processo identitário da profissão e das pessoas que fazem e fizeram parte deste contexto.

Vimos trazendo esta história desde o século XIX até os dias atuais, repensando e revendo os embates, as lutas, as contradições, avanços e retrocessos de uma profissão marcada pelas (de)formações e as políticas governamentais. Sobre essa formação Santos afirma:

a formação docente é um processo complexo e contínuo, devendo perdurar durante toda a vida profissional do educador, fazendo-se necessária, ao educador, a busca constante de alternativas e formas complementares de aprimoramento de sua prática e de ampliação de estudos sobre o fazer docente. (Santos e Rodrigues, 2010, p. 26)

E possível afirma no entendimento que fazemos de Santos e & Rodrigues que existe um grande desafio para nós, educadores, é nos formarmos dentro de um contexto bastante contraditório e adverso que pouco responde aos nossos anseios e práticas profissionais. Santos e Rodrigues ainda contribuem :

Acreditamos que o professor necessita fundamentar sua prática nos saberes da docência, os quais, em diálogo com os desafios do cotidiano, sustentam e possibilitam o desenvolvimento da identidade de um profissional reflexivo, crítico e pesquisador, articulado a contextos mais amplos, considerando o ensino como uma prática social (Santos & Rodrigues, 2010, p. 19).

Observando a fala dos autores acima é mister que a nossa discussão precisa adentrar os espaços de formação, os espaços acadêmicos, fazendo com que repensemos e recriemos as possibilidades de ação e do que é ser professor na atualidade.

Podemos afirmar que a narrativa que produzimos, o caminho percorrido pela história da formação docente traz e muito as interseções estabelecidas com as políticas públicas instituídas até a atualidade.

O corpo docente ao longo de sua história foi se constituindo trazendo as marcas dessas políticas e muito mais, da própria formação do povo brasileiro e o que assim foi transcorrendo enquanto identidade. Observemos :

A identidade do professor pode ser entendida como única e ao mesmo tempo diversa, ou seja, constituída pela identidade pessoal e pela identidade profissional. Sendo assim, ela se define no equilíbrio entre as características pessoais e profissionais e vai sendo constituída nas relações sociais que se estabelecem com os alunos, com as famílias, com a instituição educativa, enfim, com as pessoas com as quais convive no cotidiano e de alguma forma influenciam essa construção. Nesse

processo, ao longo de sua carreira estudantil e profissional, o professor vai construindo saberes e constituindo o referencial teórico que fundamenta suas ações (Santos & Rodrigues, 2010, p. 20).

A leitura que fazemos da identidade docente é que somos profissionais que carregamos em nós a natureza da produção de conhecimento e isso lança as bases e perspectivas de um futuro, de como atuar e ser o diferencial que potencializa a sociedade atual.

Procuramos registrar e analisar de forma objetiva a História da Educação Brasileira, não somente como fator cronológico, mas como elementos da constituição do povo brasileiro, seu começo educacional, bem como as características e formação do corpo docente da Cidade do Rio de Janeiro. Fizemos uma revisão bibliográfica sobre o assunto em pauta, procurando distinguir a identidade docente, resgatando seus processos constituintes, permitindo com isso uma releitura da trajetória apresentada. Ainda sobre essa identidade Pimenta salienta que :

A identidade profissional constrói-se pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor (Pimenta; Anastasiou, 2002, p. 77).

Essa identidade não estar acabada, concluída, pronta, essa identidade é construída, dia após dias. A formação continuada, a pesquisa, são elementos e ingredientes fundamentais para uma verdadeira identidade docente.

Trouxemos aportes teóricos que balizaram a discussão em torno das propostas educacionais deste início de século, mas que na realidade são reflexos da abrangência e do tratamento estabelecido no transcorrer de uma conduta histórica que possibilitou a compreensão do processo da formação docente, que sobre isso Santos e Rodrigues ilustra mais ainda afirmando :

A formação docente como um processo amplo e complexo, o qual envolve vários saberes, competências e conhecimentos que vão possibilitar uma base para o profissional que se propõe a exercer o ofício da docência. Os processos formativos emergem como responsáveis por proporcionar aos educadores essa base para seu exercício profissional (Santos & Rodrigues, 2010, p. 25).

A fala desses renomados teóricos nos reflete aos debates nos dias atuais, em que se mostra necessário a importância da formação docente haja vista que a formação do profissional da educação esteve atrelada também a movimentos externos, isto é, que ultrapassaram os espaços escolares. A discussão é pertinente e tem como locus a sociedade atual que é canal de comunicação entre as diferentes instâncias desse coletivo, onde a educação faz parte.

## 8 CONCLUSÕES

A história da educação permiti compreender uma trajetória traçada dentro da sala de aula, uma trajetória influenciada por diversos acontecimentos não somente a nível de Nação mas também a nível do Estado do Rio de Janeiro, pois nesse artigo foi possível percorrer alguns períodos e ver deslanchar de um sistema educacional, que apresenta como desfecho a contribuição da formação do professor para o sistema educativo ao longo de décadas. Nesse aspecto a formação do professor deve estar ancorada em conhecimentos teóricos e práticos,

pois enquanto docentes convivem numa relação dialética com suas práticas pedagógicas e experiências profissionais, atentando e considerando seus valores, saberes e expectativas com relação ao seu trabalho e carreira profissional, nos quais são sujeitos que constroem e reconstróem conhecimentos.

A formação de professores necessita ser concebido a partir do próprio ensino, visto que é na formação que é gerada a profissão docente, na dialética teoria e prática, encarada numa perspectiva crítico-reflexiva, criativa e livre, defendendo, assim, a importância de uma formação contextualizada e emergente.

É possível afirma que Percurso Histórico da Formação de Professores no Rio de Janeiro e sua identidade profissional não se distancia da interferência das tecnologias. A tecnologia por sua vez sempre esteve presente na vida acadêmica do professor, e agora mais do que nunca, pois foi possível visualizar o quanto o uso das tecnologias contribuíram nos tempos de pandemia.

O processo de ensino tanto para o aluno quanto para o professor é um processo evolutivo, pois o ensino é dinâmico, se materializa em diferentes épocas e contextos, mas com uma finalidade ímpar; o desenvolvimento constante e o aprimoramento do saber. Esse saber é a mola mestra do desenvolvimento humano constante, que ultrapassa épocas e segue durante toda a nossa vida e outra, pois o saber vai conosco para eternidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão, I. (2002) *Professores Reflexivos para uma Escola Reflexiva*. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2001. In Pimenta, S.G. ; Ghedin, E. Professor Reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez..

Almeida, T.(2018) *Como a Educação 4.0 Mudará Nossas Escolas?* Disponível em <<http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/como-a-educacao-4-0-mudara-nossas-escolas>> Acesso em 08 ago..

Apple, M. W.(1997) *Afinal, de quem é este currículo? In: Conhecimento oficial: a educação democrática numa era conservadora*. Petrópolis: Vozes.

Brasil.(1962) Lei nº 4.121, de 27 de agosto. Disponível em <[www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/leis/1950-1969/L4121.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/1950-1969/L4121.htm)>

Brasil.( 1971)Lei nº 5.692, de 11 de agosto.Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

Byrnes, J. P.; Fox, N. A.(1998). *The educational relevance of research in cognitive neuroscience. Educational Psychology Review*, v. 10, n. 3, p. 297–342, September.

Carvalho D.; Boas, C. (2018) *Neurociências e formação de professores: reflexos na educação e economia*. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.26, n. 98, p. 231-247, jan./mar.

Collares, S. (2015.) *A Origem da Cartilha no Brasil como Instrumento Privilegiado de Controle do Estado*. Educere. Puc: Paraná.

Enguita, M. F. (1993) *Trabalho, escola e ideologia: Marx e a crítica da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Freitas, L. C. 2005. *Mudanças e inovações na educação*. 2. ed. São Paulo: EDICON .

- Ferreiro, E. ; Teberosky, (1986). *A. Psicogênese da língua escrita. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al.* Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freire, P. (1987) *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro.
- Galeano, E (1978) *As Veias Abertas da América Latina*. Calella: Espanha..
- Jr, J (1995). *Qualidade Total em Educação: ideologia administrativa e impossibilidade teórica*. Educação e Realidade. 20(1):203-228 jan./jun.
- Macedo, M., Oliveira, S(2017). *Formação de Professores: processos dialógicos como ethos docente*. Caderno pedagógico, Lajeado, v. 14.
- Mello, F. Notas Sobre A..(2006). *Desqualificação Do trabalho Docente*. Revista Mediações Londrina v. 11, nº. 1, R.L99-212,jan./jun.
- Pimenta, S.; Anastasiou, L. (2002) *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez.
- Ribeiro, Darcy. (1995) *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia da Letras, p.168..
- Sá, N. P. (1986). *O aprofundamento das relações capitalistas no interior da escola*. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo (57): 20-29, maio.
- Santos, S & Rodrigues, F.(2010) *Formações Identitárias e Saberes Docentes: Alguns Apontamentos Para Pensar a Formação Docente do Ensino Superior*. Cadernos da FUCAMP, v. 10, n. 12, p. 18-26.
- Severino, Antônio Joaquim. 2017. *Metodologia do Trabalho Científico*. 24 ed. São Paulo: Cortez 2017.